

HOMEM, MÚSICA E MUSICOTERAPIA

Rosemyriam Cunha¹

Mariana Arruda²

Stela Maris da Silva³

“A música foi sempre uma constante na vida do homem e por isso mesmo ela é tão antiga quanto a humanidade”
(LEINIG,
1977)

RESUMO

A compreensão do homem e da música no decorrer do processo histórico é de fundamental para os profissionais que interagem com pessoas por meio de práticas musicais. Este trabalho apresenta um panorama cronológico dos conceitos que se referem a esse conhecimento. O objetivo do texto foi o de discutir o desenvolvimento da forma de se pensar o homem e a música, na cultura ocidental, desde a antiguidade grega até a contemporaneidade. Em paralelo a essa reflexão, foram tecidas aproximações de características epistemológicas da Musicoterapia, ciência que emergiu nos meados do século passado, no ambiente das relações intersubjetivas empobrecidas pelas guerras.

Palavras-chave: homem, música, musicoterapia

¹ Doutora em Educação (UFPR) e professora da Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: rose05@uol.com.br

² Graduada em Musicoterapia, especialista em Neuropsicologia, e professora da Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: marianalarruda@gmail.com

³ Graduada em Filosofia, mestre em Psicologia da Educação pela PUCSP, doutoranda em Filosofia pela PUCSp, Professora assistente da Faculdade de Artes do Paraná, Professora da Instituto Superior do Litoral do Paraná, Técnica Pedagógica da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, na área de Filosofia. E-mail: stelam@uol.com.br

MAN, MUSIC AND MUSIC THERAPY

ABSTRACT

Understanding man and music in the context of the historical process is fundamental for professionals who interact with people through musical practices. This work presents a chronological overview about the concepts that lead to this knowledge. The aim was to discuss the development of the knowledge about music and man in Western culture, from ancient Greece to contemporary times. This reflexion have also showed Music Therapy's epistemological characteristic as a scientific area that deals with subjects like man and music, whose beginning was in the middle of the last century when the intersubjective relationship was ruined by the wars.

Keywords: man, music, music therapy

Compartilhar fatos, visões de mundo, pensamentos e emoções, por meio da arte, é uma habilidade essencialmente humana. Destacam-se, entre essas expressões artísticas, os elementos sonoros, musicais ou vocais, que passaram a marcar a presença do homem no mundo. A música é forma de expressão, pois o homem é uma criatura cantante que atribui significado à atividade artística (LANGE, 1989). A arte dos sons, tanto instrumental como a acompanhada da voz cantada, ainda é um assunto que desperta curiosidade e demanda por investigações aprofundadas.

A história do pensamento musical se aproxima de outras áreas de estudo histórico como a filosofia e a ciência. A música possui uma íntima relação com vários aspectos da atividade humana, o que torna difícil isolá-la e a defini-la segundo uma única área do pensamento. (TOMÁS, 2002)

Há quase trinta séculos a humanidade, ao buscar soluções para os desafios que se apresentam no cotidiano, faz uso dos recursos materiais e humanos do seu meio para amenizar ou favorecer sua sobrevivência. A arte, por estar presente nas

atividades laborais, ou nas manifestações místicas, faz parte do desenvolvimento cultural humano.

O repertório musical historicamente acumulado pela humanidade contém dados relativos a diferentes momentos da sua história espiritual, social, econômica e política. A compreensão desses produtos culturais interessa a estudiosos das mais diversas áreas, entre elas a educação, a musicologia, a sociologia, a psicologia e a musicoterapia. Esta última, além do conhecimento sobre a arte dos sons, assenta sua construção teórica sobre saberes a respeito da natureza e da vida humana.

Este texto, ainda exploratório, foi construído com a intenção de instigar uma reflexão a respeito das compreensões do homem e da música. Voltado para as áreas e de práticas que envolvem as pessoas e suas musicalidades, as ideias aqui expostas foram articuladas a partir do princípio defendido por Vaz (2006), que considera o homem como um ser singular que interroga a si mesmo e que se apropria dessa reflexão; um ser que age em relação à realidade externa, construindo sua realidade interna.

A arte refletiu ou mesmo antecipou mudanças sociais, políticas e ideológicas, entre essas últimas, as formas de se compreender e situar o homem social e culturalmente. A expressão da musicalidade parece estar atrelada a fatos concretos. Nesse sentido, entende-se que a música vivenciada no dia-a-dia contribui com a constituição da subjetividade das pessoas. Dessa maneira, essas sonoridades podem ser consideradas como elementos psicossociais e terapêuticos uma vez que possibilitam a expressão e interpretação da realidade interna de pessoas individuais e coletivas.

Por esta ótica, o homem vivencia e produz a música presente na dinâmica do seu dia a dia, como um elemento capaz de agregar significado e sentido aos fatos vividos. Baseada nessa premissa, a musicoterapia se constituiu, desde os meados do século passado, como um campo prático e teórico cuja práxis está centrada na

utilização do som e seus parâmetros como elemento terapêutico, na compreensão do homem e da sua musicalidade.

Os fundamentos, que deram base para o desenvolvimento das interpretações sobre o homem na cultura ocidental, assentam-se sobre a filosofia grega. Na Grécia Arcaica, período situado entre os séculos VIII a VII a C., o homem foi entendido em sua relação de dependência da natureza. Situado como parte da ordenação do universo, o *kosmos* ele reproduzia essa organização na ordem das cidades. Sua natureza mortal em oposição à imortalidade dos deuses, a valorização da imagem do guerreiro e herói que dominou nesse tempo, concebeu um homem desamparado frente às forças do destino inexorável (NUNES, 2003).

Nos séculos V a.C, tempos pré-socráticos, os sofistas, pensadores que procuraram explicar a realidade natural via um saber prático e teórico, afastado das noções sobrenaturais, destacaram a superioridade humana sobre outros animais. A posição ereta e o olhar que se voltava para o alto mostravam a possibilidade da contemplação dos astros e ligava o homem à ordem cósmica. Dotado de habilidades manuais, já que as mãos desenvolviam técnicas, e capaz de manifestar o pensamento por meio da linguagem, pela primeira vez apareceu a ideia de uma estrutura humana espiritual-corporal capaz de construir uma cultura e nela suprir suas necessidades e carências (MARCONDES, 2005).

No período clássico da cultura grega, nos séculos V a IV a C., destacaram-se os pensamentos de Sócrates, Platão e Aristóteles que se preocuparam com o logos, constituído pela análise das categorias abstratas e pelo desenvolvimento da lógica dedutiva. Nessa época foram formulados conceitos universais e normas gerais que regulam o discurso do raciocínio humano.

Para estes filósofos, a alma, a *psychê*, era a fonte do justo e do injusto, da moral e da ética que culminava na primazia da faculdade intelectual humana. O mundo das ideias proposto por Platão integrou outras noções como a dimensão alma e corpo, e a reintegração do homem ao cosmos e à sua vocação de cidadão.

Já Aristóteles voltou seu pensamento para a natureza como matriz da realidade e compreendeu o homem em uma estrutura biopísica, na qual a alma compunha a força vital do corpo, a *physis*. Para Aristóteles o homem transcendia o natural por meio do discurso, da fala, do saber sobre si mesmo, do agir segundo a moral e a ética. Por essa ótica o homem só se realizava na vida em comum, na polis (VAZ, 2006).

No período após Platão, chamado helenista, a individualidade é que passou a interessar os pensadores. O declínio da soberania da polis como lugar de compartilhamento e realização provocou a busca por outro lugar no qual o homem pudesse encontrar formas de convivência. Sem deixar de discutir a ética, a razão e a natureza, as reflexões se voltaram para os princípios que determinavam o viver feliz. Entre esses conceitos figuraram, a independência, a autonomia, o saber de si mesmo. A fusão do passional e do intelectual marcou o entendimento do homem nessa época (VAZ, 1992).

Nestas civilizações antigas, a arte configurava-se como um elemento social. A música acompanhava as atividades da vida cotidiana e preenchia os rituais e as cerimônias místicas. As melodias eram cantadas para acompanhar as dramatizações. Quatro séculos antes de Cristo, Pitágoras escutava a melodia das esferas e, por meio dela, promovia a união e purificava as faculdades psíquicas de seus seguidores. Mais tarde, Platão e Aristóteles conferiram um cuidado especial para o uso e aplicação da música por acreditarem na influência efetiva dos poderes musicais na formação do cidadão grego (MAGNANI, 1996).

Poetas, escritores e filósofos da antiga Grécia comunicavam suas interpretações sobre a essência humana em espetáculos abertos ao público. Os dramas humanos foram relatados nas epopeias, poemas que contavam histórias de heróis guerreiros, deuses e semideuses. Mais tarde, as representações se deram nas tragédias, manifestações de música e diálogos curtos. Os espetáculos eram montados de forma a provocar alterações bruscas nas emoções da plateia,

com o objetivo de estimular, via forças externas, o pensamento e o comportamento dos cidadãos (STEHMAN, 1994).

A antropologia grega, cimento do pensamento e da cultura ocidental, foi comunicada aos cidadãos em forma de arte. Os temas, que tratavam da condição humana nas suas contradições e complexidades, foram concebidos em melodias e sonoridades poéticas para ensinar sobre o destino do homem. Segundo Vygostsky (1999), os espetáculos eram compostos de forma a provocar espanto, medo e surpresa. O jogo dialógico que ao mesmo tempo ocultava e revelava, promovia a experiência catártica, que para os gregos significava a percepção e modificação dos sentimentos. Com isso, a arte já revelava sua vocação para incidir sobre a emoção e a subjetividade humana.

Quando os romanos invadiram os territórios gregos, a estética musical helenista influenciou esse império que se expandia. As melodias que antes eram dedicadas aos deuses e à formação moral da sociedade passaram a exaltar a bravura dos guerreiros e os aspectos cívicos e militares. Nos primeiros anos da era cristã, a música já pertencia ao circo e embalava rituais libertinos.

A concepção do homem cristão-medieval dos séculos XI a XV, de acordo com Vaz (2008), foi construída na tensão entre o pensamento grego e a tradição bíblica que pregava a semelhança com a imagem de Deus, a revelação e a transcendência. Santo Agostinho, influenciado por Platão, postulou a noção de interioridade que deu fundamento para o conceito moderno de subjetividade. A partir do século XII, São Tomás de Aquino, cuja filosofia tomou por base o pensamento aristotélico, retomou a concepção clássica do homem como animal racional, ser fronteiro entre o espiritual e o corporal, uma criação divina.

Nesses tempos da hegemonia da Igreja como instituição reguladora da cultura, os cristãos resgataram as antigas melodias gregas como senha de fé. Os cantos eram simples, verdadeiras orações cantadas que alimentavam a espiritualidade dos praticantes. De acordo com Stehman (1994), a crença cristã

fez a ponte entre a música grega e as civilizações europeias, influenciando toda a construção sonora da sociedade ocidental. Magnani (1996) considerou que, no cristianismo, a música foi um evento social que influenciou o “estado lírico da alma” (p. 308). O sentimento dominante era o do amor cósmico e da felicidade mística embalada numa atmosfera purificada pela música.

A concepção moderna do homem, fundada no humanismo renascentista dos séculos XIV a XVI, redescobriu a literatura clássica e a agregou à tradição cristã medieval. Para Marcondes (2005), o ciclo das descobertas, o encontro com novas culturas e civilizações, ampliou os espaços de conhecimento do homem. Foi ressaltada a capacidade de transformação do mundo em consequência do agir humano. Nasceu daí uma consciência de humanidade, de universalidade. O homem se colocou no centro do mundo e “contemplava Deus na luz da natureza” (MAGNANI, 1996, p. 330). É o encontro do sacro com o profano, o surgir da mentalidade que descobre a imprensa, indaga criticamente, admite provas documentais e a experimentação científica.

No tempo das descobertas marítimas, quando o mundo se voltava para os continentes exóticos das Américas, a música que se apresentava no Ocidente era cantada em coros de muitas vozes que simultâneas que entoavam melodias diferentes. Da polifonia e do contraponto a arte sonora evoluiu, com o advento da ópera, para os solos vocais com acompanhamento instrumental. A música então, segundo Magnani (1996), delineava a individualidade humana. Sons e harmonias musicais faziam parte dos tratamentos de saúde. A função do remédio sonoro consistia em aliviar os espíritos perturbados, cessar episódios de perturbação mental, estancar crise de melancolias, propiciar o equilíbrio físico e emocional.

No século XVIII e XIX, a imagem que prevaleceu na Europa foi a do homem que tendia à bondade natural e à convivência espontânea e pacífica entre os indivíduos. Segundo Marcondes (2008), esse homem seria dotado de recursos individuais que o tornariam capaz de atingir o conhecimento. A consciência de si

pela manifestação da identidade pessoal pôs em evidência uma dimensão psicológica para além da existência via pensamento, ou razão.

Saindo da era feudal e já descortinando as transformações sociais que iriam culminar na Revolução Francesa, abriu-se espaço para uma arte social com a finalidade de alimentar a população de lirismo e sentimentalismo. A música dessa época emergiu centrada no homem e seus mistérios: exprimia as angústias existenciais. Segundo Vaz (2008), a ciência renunciou à arte, tanto quanto corpo e mente tornaram-se entidades completamente distintas. O método científico passou a ser a base para a construção do saber. Por esse caminho, as emergentes *ciências da vida* se mostraram em desenvolvimento, o que acabou por confirmar as novidades epistemológicas de então. A teoria da circulação do sangue, a anatomia microscópica, a teoria celular, a inserção do homem na classificação geral das espécies animais, a história, o surgimento da pedagogia, o estudo experimental do psiquismo foram sistematizadas sob os procedimentos metodológicos do saber moderno.

A ideia de homem na época do Iluminismo, movimento intelectual que ocorreu entre os anos de 1680 a 1780, afastou-se da concepção dominante dos séculos cristãos. Baseado em uma ideia de Razão Universal, a experiência e a análise foram termos chave da linguagem filosófica e científica dessa fase. A crença na infalibilidade da razão e a recusa a todas as formas de dogmatismos se irradiaram para o conceito de progresso, ou seja, as mudanças operadas pelo próprio homem. Vaz (2006), citou alguns conceitos que revelaram o espaço mental da Ilustração, como: *humanidade*, que se referia ao homem em relação aos outros homens, não mais a Deus; *civilização*, estágio avançado e mensurável da história de um grupo humano em relação a estágios anteriores; *tolerância*, que se aplicava entre religiões e grupos discriminados; *revolução*, mudança, transformação profunda, instalação de uma nova ordem para o advento de um mundo melhor. No século da Ilustração nasceu a Antropologia, a ciência do homem, que englobou

vários campos de investigação. Nesse campo, o homem passou a ocupar o centro de onde irradiavam as linhas de inteligibilidade.

Para Marcondes (2005), os ideais iluministas captados na obra de Immanuel Kant, nos meados de 1700, renunciaram o Romantismo, movimento que influenciou o pensamento filosófico ocidental. A complexa teoria de Kant demarcou os limites para o conhecimento teórico e buscou alternativas formais para orientar a ação humana. As correntes filosóficas pós kantianas, a partir da primeira metade do século XIX, marcadas por reflexões profundas e amplificadas, se diversificaram nas atuais ciências sociais.

Influenciado pelos idealistas franceses e pelo positivismo de Augusto Comte, o pensamento científico baseado nas ideias de evolução encontrou um clima propício para fazer florescer a sociologia com Hume, Comte, Herbert Spencer e Émile Durkheim e a psicologia experimental com Wilhem Wundt. Outros pensadores influenciaram os estudos e concepções do homem como Rousseau, Hegel, Marx, Darwin, Freud, Nietzsche, Heidegger e Sartre (PENNA, 2000). Nietzsche, no final do século XIX, denunciou o homem que não enfrentava a tragicidade de seu destino na busca por verdades redentoras. Pode-se dizer que a antropologia romântica se contrapôs aos ideais racionais e clássicos iluministas e valorizou no homem “o particular tal como se exprime na sensibilidade, nas emoções e na paixão; e é por meio dessa particularidade sensível, espiritualizada pelo ‘espírito do povo’ que o homem romântico aspira ao universal (...) integração que se cumpre, sobretudo, pela arte” (VAZ, 2006, p.100).

A música desta época reflete os movimentos do pensamento humano. Magnani (1996), declarou que há nessas composições um trabalho temático racional que remete a aspectos do Iluminismo. O desenvolvimento da harmonia, a introdução de novos timbres, o virtuosismo e os sentimentos de renúncia e liberdade marcaram as sonoridades musicais da época. Nesse movimento, a música espelhou também aspectos psicológicos como o sentimento patético e a

redundância expressiva que caracterizaram a filosofia do sentimento. A música de então, ao assimilar conteúdos românticos, matem o controle do sentimento e da organização interna. Contrapondo a individualidade das características étnicas com a universalidade dos sentimentos patrióticos, a arte dos sons “alimentou a humanidade de beleza” (MAGNANI, 1996, p. 368).

Assim como as ciências, a música rompeu o século XX em expressões e manifestações que caracterizaram o estilo individualizado de compositores que procuravam transmitir na sua arte, impressões sobre a natureza, as cores e as sensações. Magnani (1996), falou de todo um sistema de notação, composição e organização sonora até então construído e sistematizado, que começava a ser transformado. Surgiram formatos inéditos de grafar e de expressar a música, sons da vida contemporânea foram agregados às composições.

Na história do pensamento humano a fenomenologia surge com Husserl e coloca a consciência intencional do sujeito como pressuposto para o conhecimento, enquanto Heidegger prepara o existencialismo dominado pela consciência e angústia do nada. Marx indaga sobre problemas econômicos e sociais. Os movimentos filosóficos que marcaram o século XX revelaram o desenvolvimento científico dessa época. A física, a matemática, a psicologia evoluíram em ritmo extraordinário (MARCONDES, 2005; PENNA, 2000). Nesse bojo progressista, emergiu a musicoterapia, quando, conforme Magnani, “se aprofundava a dor individual e coletiva na observação da desapiedada realidade” (1996, p.369), do período após a segunda guerra mundial.

O início do século XX foi marcado pela derrocada do projeto metafísico delineado ao longo de 2500 anos. Os positivistas lógicos do Círculo de Viena tentaram definir os limites da linguagem, os filósofos da Filosofia Analítica, pautados no positivismo, buscaram a legitimação do conhecimento científico. Na atualidade, o conhecimento do homem e da situação humana apresenta a

tendência da compreensão no contexto da particularidade embora aborde a pluralidade e a complexidade da vida (SCHELER, 2003).

Surgiram outras formas de experimentação como a Guerra Fria, testes nucleares, capitalismo. Destacaram-se os pensadores: Adorno, Hannah Arendt, Giles Deleuze, Foucault. O enfoque recaiu sobre o homem concreto e as relações que estabelece com seus semelhantes. O filósofo Maffesoli (2007) estudou as manifestações cotidianas que caracterizam o homem na contemporaneidade. Entre elas indicou as agitações musicais, o culto ao corpo, a preocupação com moda, as histerias religiosas, o hedonismo, as agregações tribais em torno de ídolos ou gurus, a celebração do presente, a valorização da juventude, expressões de histeria coletiva, a importância do senso comum, mais do que do senso próprio. Para esse filósofo, o homem da atualidade manifesta um retorno ao primitivo, ao primordial, ao pessoal, ao mesmo tempo em que o sonho do coletivo volta à ordem do dia.

Zygmunt Bauman (2009), professor polonês que analisou as relações socioculturais da vida atual concluiu que o homem vive em estado permanente de transformação, de auto-redefinição. A vivência, em ritmo acelerado de mudanças, faz com que os fenômenos apareçam e desapareçam da consciência com rapidez. Isso gera, de acordo com sua visão, uma descontinuidade na avaliação e ordenamento dos valores e das comunicações, ocasionando uma vida que se estabelece apenas pelo presente. A esse movimento que gera uma sociedade individualizada, privatizada, ele chama de “destruição criativa” (p. 100).

O desenvolvimento da forma e da estrutura musical parece ter acompanhado a evolução da compreensão do homem no decorrer da história. A música, quer tenha sido influenciada ou tenha renunciado as modificações dos mecanismos sociais, políticos, culturais e econômicos de sua época, possibilitou que o homem expressasse seu tempo e os matizes dos sentimentos que experimentava (BAUER, 2004). Tanto é que, na contemporaneidade as sonoridades que

marcaram o dia a dia da sociedade industrializada passaram a ser integradas às obras musicais. Sons metálicos e distorcidos, ruídos de máquinas, apitos, buzinas, soam ao lado de instrumentos tradicionais, desnudando a paisagem sonora que nos envolve.

O recorte histórico até aqui apresentado deu destaque à perspectiva do conhecimento filosófico e musical construído no decorrer de períodos históricos didaticamente estabelecidos. Embora a divisão tenha sido estanque, sabe-se que a vida concreta é complexa e multidimensional. A realidade existencial da humanidade distancia-se da linearidade e mostra-se plena de interfaces, contradições e paradoxos. A condição da vida humana se dá entre “as coisas e os homens” (ARENDDT, 2007), ou seja, o homem age, constrói no ambiente e é entre os seus semelhantes. Essa perspectiva mostra que o homem se constrói e se reconhece na produção de suas atividades e no decorrer das interrelações que trava com outras pessoas.

Nessa dinâmica de trocas sociais, Vaz (1992), caracterizou dois tipos de relações humanas: as objetivas, que são estabelecidas entre as pessoas e os objetos e as intersubjetivas, que envolvem duas ou mais pessoas. As relações com as coisas pressupõem uma interação objetiva, na qual o homem, como sujeito, procura compreender e dar significado ao mundo e ao contexto cultural onde vive. Max Scheler (2003), filósofo alemão, explicou que na correlação mundo-pessoa os atos adquirem sentido na unidade da pessoa, assim como os objetos só são na unidade do mundo onde a pessoa é. Nesse sentido, as relações objetivas são unilaterais. O homem estabelece significado sobre a realidade objetiva de acordo com sua situação e perspectiva, sem expectativas de reciprocidade.

As relações intersubjetivas, segundo Vaz (1992), acontecem na reciprocidade “em que dois ‘infinitos’ se relacionam” (p. 50). Aqui o sujeito tem diante de si outro sujeito. Ambos se manifestam por meio de uma linguagem ampla que engloba a

expressão verbal, corporal e não-verbal, que traduz as narrações, as significações de cada um. A relação intersubjetiva caracteriza-se pela mediação, pelo encontro e exige a reciprocidade. Nessa interação o sujeito só é, na medida em que o outro também é. Postula-se aqui o reconhecimento do outro e a consciência de si mesmo. É uma interação que situa o homem como um ser em relação com os outros.

Em diferentes lugares e culturas os homens sofreram as consequências da segunda guerra mundial, tanto do ponto de vista econômico como social. Esse fato influenciou as relações intersubjetivas, essas populações adquiriram ferimentos psicológicos e físicos; mutilações de corpos e mentes, entre outras sequelas que necessitavam de tratamento. Profissionais da saúde observaram que a música aliviava os sintomas e colaborava com o processo de alta dessas pessoas. Esse fato influenciou e desencadeou o processo de sistematização de cursos de musicoterapia cujo objetivo era o de formar profissionais capacitados para o tratamento da reabilitação física, mental e social das pessoas, por meio da música.

A musicoterapia é uma ciência que utiliza a música e os fenômenos acústicos para promover, prevenir ou reabilitar as funções motoras, cognitivas e afetivas das pessoas. Os elementos sonoros e a expressão musical, verbal e corporal manifestadas passam a ser os pontos de partida para a ação musicoterapêutica. Essa ação caracteriza-se por ser transgressora. Transgressão significa aqui, conforme explicado no Dicionário Houaiss (2000), “ir além, passar de uma coisa a outra, percorrer de uma extremidade a outra”. Nesse sentido é que a ação musicoterapêutica tende a considerar a realidade da condição física, social e psíquica das pessoas. A intervenção musicoterapêutica pretende percorrer de um extremo ao outro, o campo de possibilidade de desenvolvimento das pessoas.

Na interação mediada pela música, o musicoterapeuta e os sujeitos participantes tornam-se sujeitos da ação. Essa prática se preocupa em trazer à consciência da pessoa a sua dimensão sonora a partir de interações mediadas

pela linguagem musical. A manifestação musical do sujeito torna-se o principal elemento interpretativo de sua subjetividade. Implicados nessa troca, musicoterapeuta e participantes ampliam limites, progridem na expressão da musicalidade. A resposta musical da pessoa é reveladora de pautas identitárias, da dinâmica afetiva, do processo cognitivo e das possibilidades de movimentação e expressão corporal dos participantes.

O musicoterapeuta, para atingir estes objetivos, deve ser um profissional qualificado, formado para estudar e estabelecer a relação sujeito x música. Ele aprende a utilizar as técnicas e procedimentos próprios à práxis da musicoterapia e realiza avaliações sistemáticas com vistas a assegurar a eficácia do tratamento (BRUSCIA, 2000).

A música é uma manifestação artística que, segundo Paez e Adrian (1993), privilegia o sentido sobre o significado. A arte dos sons ultrapassa os limites da compreensão racional e adota o contexto da imaginação e dos sentimentos como âmbito de percepção e interpretação. A comunicação produzida no ambiente musicoterapêutico é mediada por um conjunto de fenômenos acústicos como alturas, intensidades, ritmos, timbres e andamentos. As formas comunicativas compreendem a linguagem verbal e a linguagem não verbal. Nesse conjunto estão as expressividades sonoras, gestuais, as tonalidades emocionais e as modulações da voz.

A dimensão musical, no ambiente musicoterapêutico, é composta por toda a manifestação sonora estruturada ou não que resulte da intenção de fazer música. Nesse sentido, os parâmetros estéticos tradicionais devem ser flexibilizados. A beleza, nesse contexto, reside no fato da pessoa manifestar sua musicalidade. Por esta ótica, a ação musicoterapêutica centra-se no entendimento dos significados e sentidos que as pessoas atribuem à produção musical, com base no contexto de suas vivências particulares.

A prática musicoterapêutica pretende acolher, criar, recriar, improvisar e interagir com as pessoas a partir do referencial teórico específico do campo da musicoterapia. Nesse ambiente considera-se que o homem que imagina e cria, ultrapassa os limites concretos da vida real. Dessa forma ele amplia suas possibilidades de ação em formas de expressões sonoras, rítmicas e corporais, coloca-se como sujeito da ação-comunicação e estende as fronteiras de sua existência para além do horizonte dos impedimentos.

Nessa perspectiva, a ação musicoterapêutica direciona-se para a modificação da condição humana atual, que segundo Novaes (2008) é a de uma vida que reproduz gestos incapazes de criar experiência de relações dotadas de sentido. Esse escritor acredita que nos tornamos verdadeiramente humanos quando criamos o mundo das artes, da política, do imaginário, da literatura, o que para ele compõe o conjunto das coisas vagas.

A ação musicoterapêutica pretende a humanização. De acordo com Freire (2005), a luta pela humanização, pela superação implica em liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se. O diálogo, para esse autor, é um ato de criação que, por meio de palavras verdadeiras, modifica o mundo. O autor afirma que a superação se faz na ação de modificar ideias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou conceitos relativos à compreensão do homem e da música. Discutiu, também, fenômenos sócio-culturais que, ao aproximar o patrimônio sonoro construído pela humanidade às próprias necessidades das pessoas, demandou o desenvolvimento de saberes e práticas que abordassem a complexidade humana por meio de interações musicais. A musicoterapia foi uma das profissões que se constituiu no curso dessa dinâmica. A ação

musicoterapêutica, baseada no tripé homem, música e musicoterapeuta, emergiu com a vocação para promover e reabilitar a vida.

A musicoterapia é um campo de conhecimento que estuda o ser humano, suas manifestações sonoras e os fenômenos que decorrem nas interações entre pessoas, ritmos, melodias, e harmonias. Os processos que se estabelecem a partir do encontro entre as pessoas e suas musicalidades, permitem o desenvolvimento de vínculos significativos que levam à construção de canais de comunicação, de redes de convivência e das possibilidades de ação terapêutica.

Entende-se, por essa perspectiva, que o musicoterapeuta trabalha diretamente com a essência humana. Ao desenvolver ações musicoterapêuticas, o profissional busca a expressão do sensível, a manifestação da criatividade, a compreensão afetiva que as pessoas têm da realidade. A atividade criativa musical alicerça as interações que ocorrem no decorrer desse processo e essa manifestação expressiva tende a abrir espaços para tipos diferenciados de comunicação, como por exemplo: da pessoa consigo mesma, com o musicoterapeuta e com o meio social.

Para desencadear essa dinâmica de percepção de si e do outro, cabe ao profissional musicoterapeuta conhecer os elementos que compõem a base de sua ação: o homem e a música. No ambiente musicoterapêutico as pessoas comunicam mensagens corporais, afetivas, lógico cognitivas, sociorrelacionais e musicais. O profissional recebe as manifestações das pessoas com quem interage musicalmente. Esse tempo e espaço de escuta será o ponto de partida para o direcionamento da possibilidade comunicativa das pessoas. O acolhimento da musicalidade, forma de pensar e agir do outro faz parte da ação musicoterapêutica, porém, conhecer as características dessa manifestação, saber para onde direcioná-la e ser capaz de realizar a leitura do desenvolvimento comunicacional das pessoas, são atributos básicos dessa ação.

O musicoterapeuta trabalha com a musicalidade das pessoas. Essa ação exige uma formação que, via técnicas e metodologias específicas, possibilita que o profissional estimule a expressão de sons e melodias, sem que a pessoa tenha conhecimento teórico e musical prévio. Essa escuta e aceitação da pessoa como ela é, a leitura das suas possibilidades de desenvolvimento, agregam gradientes de humanidade às interações.

A música é um elemento que tende a alterar o espaço mental e afetivo no qual se organizam as relações humanas. A música, forma artística comum às sociedades, tem como atributo, a capacidade de despertar as pessoas para novas ou diferentes iniciativas de pensamento, de imaginação e de ação. Pode-se pensar que essa qualidade inerente à arte dos sons seja um dos componentes que permitem a (re)humanização do homem e de suas trocas sociais.

Essas ideias levam a pensar que a ação musicoterapêutica, ato que engloba o homem, sua musicalidade e a presença de um profissional especializado para desempenhá-la, atende as demandas próprias à natureza humana. O homem, para viver, necessita da arte, da convivência e do desenvolvimento pessoal. Na sua trajetória histórica, a humanidade construiu formas expressivas com as quais marcou a época de sua presença no mundo. Cada etapa revelou um momento da evolução mental e social humana. No entanto, parece que o desejo de auto realização das pessoas ainda engloba aspectos relativos à comunicação autêntica e às relações intersubjetivas. Espera-se que a ação musicoterapêutica possa desempenhar um papel consistente para a concretização desse desejo humano.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10 ed. Rio de Janeiro: forense Universitária, 2007.

BAUER, Martin, GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

- BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- LEINIG, Clotilde. *Tratado de Musicoterapia*. São Paulo: Sobral Editora, 1977.
- MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MAGNANI, Sergio. *Expressão e comunicação na linguagem da música*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- NOVAES, Adauto. *Eu e Valor-Sexta-Feira e Fim-de-Semana*, 29, 30 e 31 de agosto de 2008-Ano 9, n.412.
- NUNES, Ana Luiza R. *Trabalho, arte e educação: formação humana e prática pedagógica*. Santa Maria: Editoraufsm, 2003.
- PAEZ, D. ADRIÁN, A Arte, *lenguaje e amoción*. Madrid: Fundamentos, 1993.
- PENNA, Antonio Gomes. *Introdução à Epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- SCHELER, Max. *A posição do homem no cosmos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- STEHMAN, Jacques. *História da música européia*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1964.
- TOMÀS, Lia. Ouvir o Lógos: *Música e Filosofia*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia Filosófica*. V. 1. 8 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia Filosófica*. V. 2. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- VYGOTSKY, Lev S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.